

# ELOGIO DA LOUCURA

---

ERASMO DE  
ROTTERDÃO

Tradução de **António Joaquim Anselmo**  
Prefácio de **Anthony Grafton**

## ÍNDICE

<i>Prelúdio ao Elogio da Loucura</i>	9
Elogio da Loucura (crítica de costumes)	23
Prefácio	
Erasmus ao seu amigo Thomas Morus	25
Elogio da Loucura	
Declamação de Erasmo – É a loucura que fala	29

ELOGIO DA LOUCURA

(CRÍTICA DE COSTUMES)

## ELOGIO DA LOUCURA

DECLAMAÇÃO DE ERASMO

### É A LOUCURA QUE FALA

Eu que vos estou falando, a Loucura, tenho muitos detractores cá neste mundo, até entre os mais loucos; mas deixá-los falar, não há perigo, porque essa gente não pode impedir que eu tenha uma virtude sem igual para divertir os deuses e os homens. Quereis uma prova? Cheguei há pouco a esta numerosa assembleia para nela tomar a palavra; ainda não tinha aberto a boca e já em vossos rostos se divisava uma hilaridade extraordinária, gargalhadas alegres e simpáticas saudavam a minha aparição! Presentemente só vejo à roda de mim deuses de Homero, ébrios de néctar e de nepentes; ainda há pouco todos os ouvintes tinham o ar de pessoas que acabavam de sair do antro de Trofónio.

Quando o sol dardeja os seus raios sobre a terra, ou quando, após um rigoroso Inverno, a Primavera traz de novo as doces brisas, tudo muda de aspecto e a natureza rejuvenescida reveste as suas cores mais ricas; neste momento, a minha presença acaba de operar a mesma metamorfose nas vossas fisionomias. Os oradores mais hábeis só a muito custo, a poder de longos discursos, conseguem expulsar os cuidados da frente dos seus ouvintes; eu foi só aparecer, e... pronto!

Ora, quereis saber a razão por que hoje me apresento aqui com tanta solenidade? Vou dizê-la, se é que vos não incomoda muito o ouvirdes-me, não com esse par de orelhas de que vos servis para escutar os oradores sagrados, mas com as boas orelhas, com as que fitais em honra dos charlatães, dos farsistas e dos bobos; com as mesmas que antigamente o nosso bem-amado Midas abria às harmonias do deus Pã.

Deu-me para fazer hoje de sofista, mas não como esses pedantes que, no nosso tempo, atulham de patacoadas a cabeça das pobres crianças, tornando-as mais cabeçudas do que mulheres a discutirem; não, eu quero imitar os antigos, que, para evitarem o descrédito em que no seu tempo havia caído o nome de sábio, tomaram o de sofista. A sua principal ocupação era celebrarem com elogios os deuses e os grandes homens; também é um elogio o que eu vou fazer, mas não será o de Hércules nem o de Sólon, será o meu próprio, o elogio da Loucura.

E desde já vos digo que me estou rentando para esses sabichões que acoimam de tolo e impertinente quem quer que outorga louvores a si próprio; se o acoimassem de doido, vá que não vá, era fazer-lhe justiça, era reconhecer que é coerente consigo mesmo. Com efeito, nada mais lógico do que a Loucura entoar os seus próprios louvores. E além disso, quem pretenderá descrever-me melhor do que eu me descrevo, sem poder conhecer-me melhor do que eu me conheço?

Elogiando-me a mim própria, considero-me tão modesta como a maior parte dos grandes e dos sábios. Que fazem estes cavalheiros? Contidos por uma falsa vergonha, limitam-se a alugar qualquer retórico bajulador ou qualquer poeta cismático, que, a troco do metal sonante, lhes arranje um panegírico, ou para melhor dizer, uma boa porção de mentiras. O que não inibe o discreto herói da festa de se emproar e levantar a crista como um pavão, enquanto o impudente louvaminheiro compara aos deuses um velhaco, apresentando-o como tipo de todas as virtudes, não

obstante ser menos virtuoso que ninguém, e adornando-o, a ele triste gaio, com penas alheias; em suma, enquanto o louvaminheiro tenta fazer branco um preto e impingir uma mosca por um elefante. Por mim, nunca deixo de pôr em prática o provérbio popular que aconselha a cada um louvar-se a si próprio, enquanto não encontrar alguém que lho faça.

Mas, na verdade, não sei qual deva causar mais espanto, se a ingratidão, se a negligência dos homens a meu respeito. Todos são meus fervorosos adoradores, todos se utilizam sem escrúpulo dos meus benefícios, e desde que o mundo é mundo, ainda ninguém se quis dar ao trabalho de celebrar os meus merecimentos com um discursozinho jeitoso; ao passo que os Busíris, os Fálaris, as febres quartãs, as moscas, a calvície e outros que tais horrores têm encontrado panegiristas que não pouparam azeite nem vigílias para os exaltarem com retumbantes elogios.

O discurso que vou proferir é um improvisado que, pelo facto de não ter sido estudado, nem por isso contém menos petas. Não digo isto, palavra de honra, para me fazer valer, como é uso e costume dos oradores sagrados. É bem sabido que esses meninos, depois de terem levado trinta anos a escrever um discurso, sendo a metade dele roubada, não têm dúvida em impingi-lo no fim como obra feita em três dias, assim brincando... ou ditada, do pé para a mão. Quanto a mim, ninguém o pode pôr em dúvida, sempre digo sem preparação o que me vem à lembrança.

Não farei definição nem divisão, à moda dos retóricos meus confrades: seria, parece-me, uma triste entrada em matéria. Efectivamente, o meu assunto é a minha própria pessoa; definir-me seria circunscrever em limites certos o meu poder ilimitado, dividir-me seria prejudicar a unidade do culto que todo o mundo me presta com tanta igualdade. E afinal, para que havia eu de vos dar, numa definição, uma sombra, uma cópia incompleta de uma coisa cujo original tendes aqui mesmo na vossa presença?



Eu sou, e que isso vos baste, essa verdadeira dispensadora de todos os bens, a Loucura, que os latinos chamam *Stultitia* e os gregos *Moria*. Poderia dispensar-me de o dizer, porque, se devo acreditar o público, eu trago a minha personalidade inscrita com todas as letras na testa. Se alguém caísse em tomar-me por Minerva ou pela Sabedoria, bastava o meu aspecto para logo se desenganar, antes mesmo de eu usar da palavra, esse espelho tão falaz dos movimentos da alma. Nada de disfarces no meu rosto, ele não diz coisa alguma que me não esteja também no coração. Sempre e por toda a parte me conservo idêntica a mim própria; ninguém é capaz de me encobrir, nem mesmo aqueles que fazem os maiores esforços para se fingirem de sensatos. Debalde o pretendem, nunca serão mais do que uns macacos vestidos de púrpura, uns burros sob a pele de leões. Por mais cuidado que tomem nos seus papéis, lá vem no fim uma ponta da orelha a denunciar a cabeça de Midas.

Por Hércules! Esta espécie de gente é bem ingrata para comigo! É neles que eu encontro os meus partidários mais fiéis e, todavia, esses homens envergonham-se tanto de se confessarem dignos deste nome que o arremessam uns aos outros como uma injúria. Estes arquiloucos, que querem passar por uns novos Tales, merecem bem o nome de *morósofos*, ou sensatamente loucos, não é verdade? Falo grego, como vedes. E porque quero imitar os nossos retóricos, que se julgam deuses só por apresentarem duas Línguas como a sanguessuga, segundo Plínio; e que se jactam, como de uma façanha memorável, de haverem introduzido nos seus arrazoados um mosaico de centões gregos e latinos, sem se importarem com o propósito da coisa. Suponhamos que ignoram as línguas estrangeiras: os nossos homens não se incomodam por tão pouco; o que fazem é tirar de qualquer alfarrábio bolorento quatro ou cinco arcaísmos com que lançam poeira aos olhos dos ouvintes. Aqueles que os compreendem ficam muito satisfeitos

por serem suficientemente instruídos para isso, e os que os não compreendem admiram-nos tanto mais quanto maior é a sua ignorância. Porque é preciso que se fique sabendo, os meus fiéis aceitam com tanta mais facilidade uma coisa quanto de mais longe ela lhes vem, não é este um dos seus menores prazeres. E até, se entre eles algum vaidoso quer absolutamente fazer de sábio, basta um sorriso, um aplauso, um mexer de orelhas, à maneira dos burros, para fazer crer aos outros que o homem efectivamente o é, embora no fundo com certeza não o seja.

Voltemos, porém, à vaca fria. Em que termos me dirigirei a vós, caros ouvintes? Chamar-vos-ei cidadãos? Mas ainda falta um epíteto. Porque não arquiloucos? Vá, feito; não podia a Loucura brindar os seus adeptos com um título mais honroso. Portanto, arquiloucos, como há entre vós quem ignore a minha genealogia, eu passo imediatamente a expô-la com a assistência das Musas.

O meu nascimento não o devo nem a Caos, nem a Saturno, nem a Júpiter, nem a qualquer outro desses deuses podres de velhice. Foi Pluto quem me gerou; Pluto, pai dos deuses e dos homens, sem embargo do que possam dizer Homero, Hesíodo e o próprio Júpiter poderoso; Pluto, que hoje e sempre, com um só aceno de cabeça, põe de pernas para o ar as coisas sagradas e profanas; Pluto, que ordena como quer a guerra, a paz, os impérios, os conselhos, a justiça, as assembleias populares, os casamentos, os tratados, as alianças, as leis, as artes, o sério, o jovial... ui! Falta-me o alento... numa palavra, todas as coisas humanas, públicas e particulares; Pluto, sem o qual a multidão dos deuses inferiores, que digo eu? Os próprios grandes deuses não existiriam, ou teriam vida muito parca; Pluto, cuja cólera é tão terrível que nem mesmo Palas se atreveria a defender quem a provocasse, e cuja protecção é tão poderosa que pode destruir Júpiter e o seu raio.

Meu pai não me tirou do seu cérebro, como antigamente fez Júpiter a essa megera chamada Minerva; não, eu tive por mãe a ninfa da Mocidade, a mais bela e a mais alegre de todas as ninfas.



Da mesma forma que o coxo Vulcano, eu não sou o fruto de um fastidioso dever conjugal; quem me deu o ser foram os beijos do amor, como diz Homero. Mas não haja ilusão, não é do herói de Aristófanes, decrépito e remeloso, que eu provenho; é de Pluto, vigoroso, ligeiro, exuberante de juventude e, ainda mais, de néctar, esse divino licor que ele tanto gostava de festejar à mesa dos deuses.

Talvez vos não desagrade conhecer o lugar onde nasci, visto que hoje a terra em que uma criança dá o primeiro vagido é um não pequeno elemento da sua nobreza. Sabei, pois, que não foi nem na ilha flutuante de Delos, nem nas ondas do mar, nem nas entranhas da terra, que o caso aconteceu; foi nas ilhas Afortunadas, onde o solo produz sem cultura os seus frutos mais doces. Nessas paragens, o trabalho, a velhice e a doença são desconhecidos; não se encontram lá a malva, o tremoço, a fava e outras semelhantes misérias, mas sim o cebolinho, a panaceia, o nepentes, a manjerona, a ambrósia, o lódão, a rosa, a violeta e o jacinto, embalsamando o ar como nos jardins de Adónis.

Em meio de tantas delícias, eu não podia chorar quando nasci; apenas abri os olhos, logo sorri graciosamente para minha mãe. Não tive necessidade de invejar a Júpiter a cabra que o amamentou, porque os meus lábios comprimiram os seios de duas ninfas complacentes, a *Embriaguez*, filha de Baco, e a *Ignorância*, filha de Pã, ambas as quais podeis ver entre as deidades que me acompanham. Talvez não desgosteis de as conhecer todas. Por Hércules! Eu vou nomeá-las em grego, se isso vos apraz.

Esta, de aspecto soberbo e arrogante, é *Philautia* (o Amor-próprio); aquela, de olhares maviosos e mãos prontas a aplaudir, é *Kolakeia* (a Lisonja). Essa, que está dormitando, representa *Léthê* (o Esquecimento); acolá, de braços cruzados e apoiada nos cotovelos, jaz *Misoponia* (a Preguiça); aqui perto, coroada de rosas e exalando perfumes, deita-se *Edoné* (a Voluptuosidade); ao lado, *Anoia* (a Demência) revira os olhos desvairados; enfim, esta tez rubicunda, este corpo rechonchudo, chama-se *Trophé*

(a Gulodice). Além das ninfas, vedes dois deuses; um é *Cómo*, o outro *Morfeu*. Aqui tendes os fiéis servidores que sustentam o meu domínio sobre o mundo inteiro; graças ao seu auxílio, eu governo até naqueles que governam os outros.

Conheceis agora a minha origem, a minha criação e a minha comitiva; mas, para que ninguém me acuse de usurpar o título de deusa, vou também referir os benefícios inumeráveis que dispenso aos deuses e aos homens, e mostrar-vos até onde se estende o meu império. Atenção! Fitai bem as orelhas.

Se é verdade que o carácter distintivo de um deus é fazer o bem aos homens, se é com justiça que se dá lugar no empíreo àqueles que em favor dos mortais descobriram o vinho, o trigo e outras comodidades da vida, impossível é que se me recuse o primeiro lugar entre os deuses, a mim que sou para o género humano a origem de todos os bens. E antes de mais nada, conheceis coisa mais agradável, mais preciosa do que a existência? Ora, quem mais do que eu contribui para repartir este benefício? É inegável, nem a lança terrível de Palas, nem a égide de Júpiter, autor das tempestades, são coisas capazes de produzir e perpetuar a raça humana.

De resto, cumpre não esquecer que esse Júpiter, pai dos deuses e dos homens, esse Júpiter tão poderoso que, com um simples gesto, abala o Olimpo inteiro, também em certos dias deixa, de boa ou má vontade, o seu tríplice raio e esse ar terrível que faz tremer as próprias divindades para se disfarçar como um pobre comediante; isto, todas as vezes (e não são poucas as vezes) que lhe dá na gana aumentar a colecção dos Jupiterzinhos. Os estóicos julgam-se quase iguais aos deuses: pois bem, dai-me um desses filósofos, duas, três ou, se quiserdes, mil vezes estóico; eu talvez não o mova a rapar a barba, insígnia de sabedoria que lhe é comum com o bode, mas seguramente hei-de desanuviar-lhe a fronte carregada e hei-de levá-lo a alterar os seus dogmas inalteráveis; não sei mesmo se o homenzinho chegará a fazer tolices e a bater

com a cabeça pelas paredes. Em resumo, e isto diz tudo, o filósofo terá de recorrer ao meu auxílio, se quiser ser pai.

Porque não hei-de falar com toda a franqueza? Dizei-me, é a cabeça, a cara, o peito, a mão, as orelhas ou qualquer outra parte do corpo chamada honesta, que possui a virtude de reproduzir os deuses e os homens? De modo nenhum, se não estou enganada; quem tem essa virtude é outra parte do corpo, tão louca, tão engraçada, que ninguém a pode nomear sem se rir. Eis a fonte sagrada donde promana a vida, um pouco mais certamente que do *quaterno* de Pitágoras.

Qual de vós submeteria a cerviz ao jugo do casamento se maduramente ponderasse, como devem fazer os homens sensatos, os inconvenientes de tal estado? Queria a mulher admitir seu marido, se as dores do parto e os trabalhos da criação dos filhos estivessem sempre presentes no seu espírito, se ao menos um instante neles reflectisse? Deveis o vosso nascimento ao matrimónio, o matrimónio é obra da minha companheira, a Demência; já vedes, pois, quanto me deveis. A mulher, que passou pela primeira prova, expor-se-ia porventura à segunda, se a nossa boa amiga, a ninfa do Esquecimento, não interviesse na questão? A própria Vénus, queira ou não queira Lucrécio, nada absolutamente conseguiria sem o meu concurso; ficaria sem força e sem influência.

É daquela manobra ridícula, cuja invenção se me deve, que provêm os filósofos cheios de orgulho e os seus actuais sucessores vulgarmente chamados frades; da mesma origem procedem também as majestades reais, os padres Santos, os pontífices três vezes santos e, finalmente, essa multidão de semideuses, tão copiosa que o Olimpo, com toda a sua vastidão, é pequeno para a conter. Mas não basta ter-vos demonstrado que só eu fecundo as origens da vida; seria incompleta se não provasse também que todos os prazeres deste mundo são obra da minha munificência.

O que seria a vida sem o prazer? – Com efeito!... é verdade!... – Aplaudis? Ah! Eu bem sabia que nenhum de vós podia ser tão

sensato... tão louco, queria dizer... mas não, tão sensato, dizia bem... que não seguisse a minha opinião. Nem os próprios estóicos desdenham o prazer, se bem que finjam cuidadosamente o contrário e sempre digam mal dele em público; o que afinal não é mais do que um hábil estratégia para desviarem a atenção dos concorrentes e terem a parte melhor do bolo. E demais, será algum desses hipócritas capaz de sustentar que pode haver um só dia na vida que não seja triste, monótono, insípido, cheio de aborrecimento e de desgosto, sem que o prazer, isto é, a Loucura, lhe comunique o seu grãozinho de sal? O precioso testemunho de Sófocles é, sem dúvida, mais do que suficiente para me justificar e responder à minha interrogação. Foi Sófocles quem resumiu num verso o meu elogio mais completo: «Só a ausência da Sabedoria torna a vida agradável!», disse ele algures. Mas isto não basta; temos de demonstrar o que avançámos.



A primeira idade é a mais fecunda, a mais amável de todas, ninguém o contesta. Não há coisa tão querida, tão festejada, tão acarinhada como a infância, a infância é até capaz de enternecer o mais feroz inimigo.

E donde vem um tal encanto, não me direis, senão dessa auréola de loucura com que a natureza providente ornou as fronteiras infantis, a fim de que elas possam compensar em prazer o trabalho das pessoas que as tratam, e conquistar, pela sua graciosidade, a protecção que lhes é indispensável?

À infância sucede a mocidade. Quantas graças no adolescente! Por isso também, como toda a gente o acolhe, o ajuda e lhe estende a mão com interesse, com benevolência! E donde vem tão grande favor? Vem da minha mágica influência que, transmitindo ao adolescente uma graciosa loucura, o torna tão amável.